

# REVISTA DA CIDADE

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 207

Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.000

RECIFE — PERNAMBUCO

Director-gerente — J O S É D O S A N J O S

Director-secretario — J O S É P E N A N T E

## O V I S I N H O

Emquanto eu fazia commigo mesmo aquella reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro annos.

—Como passou de hoje de manhã? disse elle a Marcella.

—Assim, assim. Vem cá, Maricota.

O sujeito levantou a criança pelos braços e passou-a para dentro do balcão.

—Anda, disse elle; pergunta a D. Marcella como passou a noite. Estava anciosa para vir cá, mas a mãe não tinha podido vestil-a... Então, Maricota? Toma a benção... Olha a vara de marmelo! Assim... Não imagina o que ella é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda hontem... Digo, Maricota?

—Não diga, não, papae.

—Então foi alguma coisa feia? perguntou Marcella batendo na cara da menina.

—Eu lhe digo; a mãe ensina-lhe a rezar todas as noites um padre-nosso e

uma ave-maria, offerecidos á Nossa Senhora; mas a pequena hontem veio pedir-me com voz muito humilde... imagine o que?... que queria offerecel-os á Santa Marcella.

—Coitadinha! disse Marcella beijando-a.

—E' um namoro, uma paixão, como a senhora não imagina... A mãe diz que é feitiço...

Contou mais algumas cousas o sujeito, todas mui agradaveis, até que sahiu levando a menina, não sem deitar-me um olhar interrogativo ou suspeito. Perguntei a Marcella quem era elle.

—E' um relojoeiro da visinhança, um bom homem; a mulher tambem; e a filha é galante, não? Parecem gostar muito de mim... é boa gente. Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria da voz de Marcella; e no rosto como que se lhe espraizou uma onda de ventura...



## C A N Ç Ã O S E L V A G E M

Ella tem a graça esbelta do burity que se corôa de palmas elegantes, verdes e viçosas, e como o burity, seus negros cabellos coroam-na em côcar de plumas côr da noite, a noite densa, a noite sem lua, das selvas impenetraveis. Os olhos brilham-lhe como pedras valiosas, ou como em pleno meio-dia, faiscam as lascas de sílex nos pedregaes e nos caminhos. Por mãos e pés, tem duas flores de parasitas, duas catleas de velludo, tão pequenos e delicados são. Sua pelle é jambo moreno com a nitidez da prata lisa e o polido das aguas de um lago.

Adoro-a. E' a minha vida que se esteriosou, tomando nova fôrma.

diversa da minha, e todavia tão unida a mim, que por vezes hesito a julgar qual a minha verdadeira personalidade. Sua alma, mais que seu physico delicioso, encanta-me, e aprisiona-me no carcere luminoso de um amor intensissimo e poetico. Vivemos ambos a existencia bucolica, selvagem, e representamos os dois uma pastoral dos melhores tempos da humanidade; quando os poetas eram deuses e os guerreiros mais intelligentes das tribus, nas horas da paz, compraziam-se em descrever e pintar, em quadros de ouro ao som da sua voz sublime, as horas da guerra.

Um noivado idyllico

nos promete para breve o paraíso. Breve, teremos a felicidade de Tamandaré, o dilecto de Deus, quando escapou á morte e se estabeleceu na terra da abundancia e da alegria. Eu serei como o valente Tamandaré, mas poderei habitar o mais estéril dos areas, pois mesmo assim abençoarei Tupan, que me concedeu a frescura, o jubilo e a ternura, dimanando em mananciaes do coração do meu esbelto burity, a minha noiva.

Ha dois dias, não sei como foi... nunca acreditarei na existencia da Yara, mas agora sei que existe. Caçava no mais invio das florestas, quando me senti fatigado, e fui para a borda do pe-

queno lago. Vi-a, então, á mulher de crystal e nuvem, de perola e brancura, rojando no fundo das aguas como um nenuphar submerso, e chamando-me a si com um gesto tentador. Sorria, arrastando-se no meio dos cabellos de limo.

Se a não segui, se fugi, foi porque flutuou em minha imaginação uma esbeltez de burity elegante e gentil, com um sorriso ainda mais doce e meigo do que o da Yara, e não hesitei. A alma de minha noiva salvou-me da mentira de crystal. Aquella virgem linda como um veadinho lindo das selvas, e mais do que elle vaidosa, mais tambem carinhosa e perfeita!

## M A R I N A C O Ê L H O C I N T R A



M. Parahim

F A Z E N D O G A M E L L A S D E M A D E I R A





Senhorita N I N I N H A V A R Ê D A,  
que conquistou o 2.º lugar no Concurso de Beleza do JORNAL DO COMMERCIO  
e em cuja honra um grupo de admiradores instituiu para hoje o "Dia  
de Nininha Varêda". Justa homenagem á linda pernambucana, a REVISTA DA  
CIDADE applaude a gentil iniciativa.

# O Enganado Romantico

**E**STIVE uns tempos impressionado com a figura esguia de Pierrot. Li Verlaine e todos os banalisadores vulgares do pobre Enganado Romantico. Vi o « Gilles » de Watteau, o « Pierrot-noir » de Willette, os Pierrots brancos de Leal da Camara. Era a feição da época mystica e sensual, o tom, o perfume subtil da graça madrigalesca eterna, que é queixume e pedido sem fórma de esperança.

Pierrot é uma época. A época onde todos nós passamos e sofremos com elle. A face branca, branca como a lua cheia num lago triste, as olheiras de violéta, o labio descorado, o gesto lento, o abandono do corpo, o bandolim inutil chamando Colombina pela renuncia dos bordões emmudecidos, cream um espelho para nós outros.

Todos nós nos encontramos em Pierrot:

PORQUE A GENTE É' COMO PIER-  
[ROT  
E OS OUTROS SEMPRE SÃO COMO  
[ARLEQUIM

Disse Onestaldo Pennafort. Possuimos sempre uma guitarra ou o bandolim de bôjo recurvo como quarena de nau. Dá-se que ás vezes existe a substituição. A penna o revolver, o cognac, mil modos de crear a estatua invisivel

Naquella noile eu estava Gilles. Um Gilles ingenuo e tímido como as creanças antes do Cinema. Estava só e fumava. Depois de Deus, não conheço outro sopro mais constructor que o fumo. Para maior aproximação, dá o arrependimento depois do charuto fumado. Phrases. Fiquei fumando e lendo a infeliz Marceline Desbordes — Volmore cruelmente citavel e definitivamente inerte:

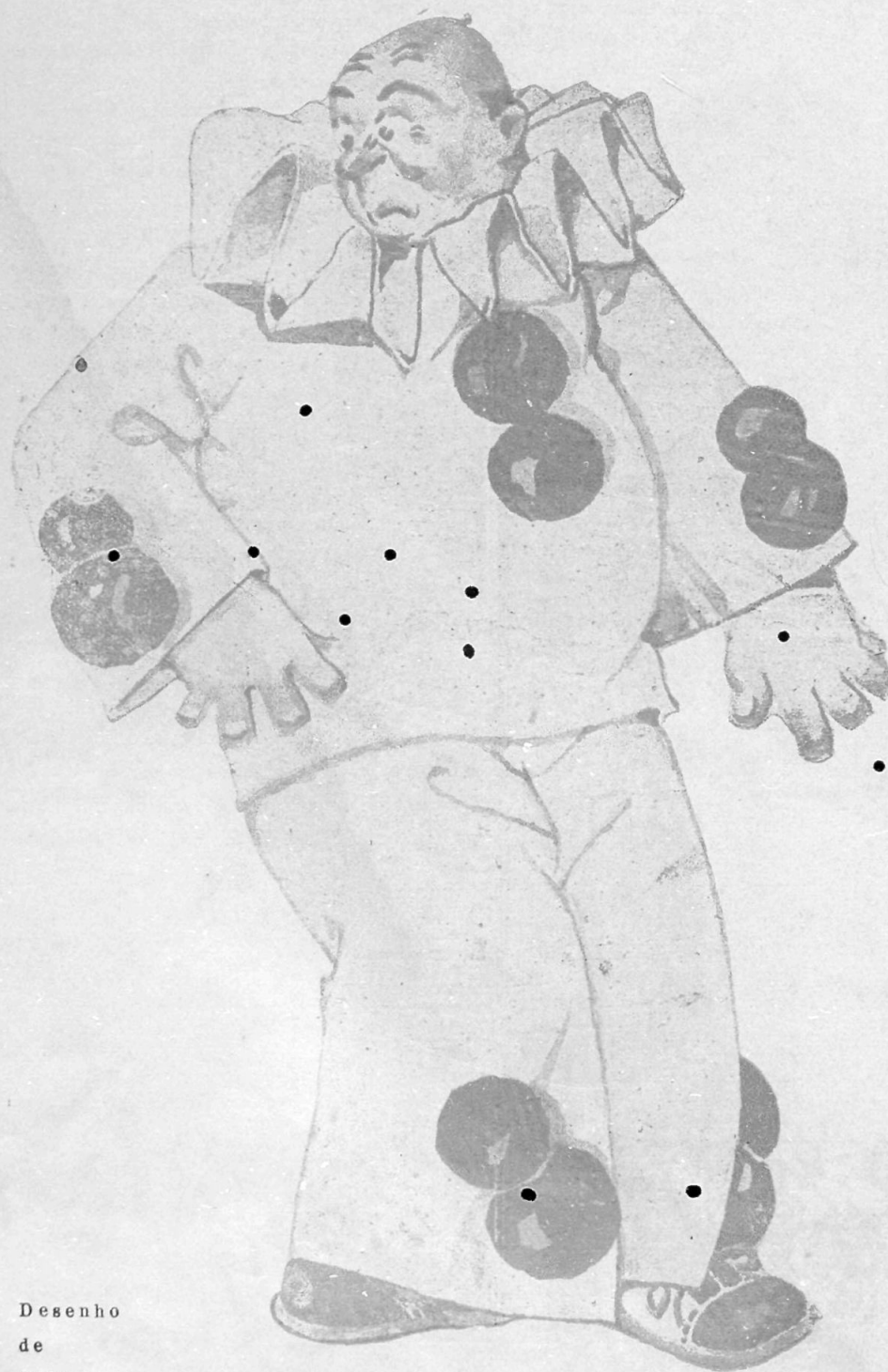
MAIS LE MOT CENT FOIS  
DIT, VENANT DE CE QU'ON  
AIME, SEMBLE NOUVEAU.

De repente, junto á estante onde empolerei para jamais desaparecer os classicos Portuguezes, enxerguei um homem vestido de Pierrot. Esplendido. Séda branca, crêpe e velludo negro, enluvado, a « fraise » enrocada, a guitarra tininte, a meiamascara voluptuosa, o cansaço de quem não trabalhava e vive deitado... Era Pierrot. Inqueri. O homem deu uns passos, ariou a guitarra, tirou a mascara. Uns olhos negros, parados, motejadores. Não conheci. Uma voz muito segura, respondeu:

— Pierrot. Sou Pierrot...

— Qual delles?... interoguei.

O unico e verdadeiro. O que



Desenho  
de  
Villares



nunca existio. Aquelle em que os homens crêem. Este da vida eterna.

Eu estava lamentavelmente verboso. Disse-lhe umas coisas vagas e reluzentes. Especie de confeito verbal. Adoça a bocca e engana a fome. Pierrot não ouviu. Estava bebendo o meu licor.

— Pierrot, sê sobrio, amigo e simples adorador de iguarias platonicas. Emfim tem razão de beber. No vinho estava a verdade antes de morrer no poço. Agora existe no alcool uns restos della. Só os cabellos, quer dizer, os insultos e a predilecção de puxar os ditos. Bebe. Prepara-te para o annual deslize de Colombina. Amanha o punho para a inquietude de Arlequim flammejante e cretino.

Pierrot segurou um dos cigarros, bateu-o, accendeu-o, baforando com elegancia e descuido. Depois declarou :

— Deixa de idiotismo. Até quando a Humanidade ficará agarrada ao erro, á ignorancia á incomprehensão radical dos factos merissimos ? . . . Enganado eu ? . . . Tolice dos poetas egressos do Hospicio e fóra do mundo. Só existe neste universo uma pessoa enganada, illudida, ludibriada e ingenua . . .

— Es tú . . .

— E' Arlequim. Durante estes tres dias o desgraçado vive quatercentos. Nós, quero dizer, os deuses, vivemos pela emoção e jamais pelos annos. Arlequim envelhece em três dias. Sente em cada um, milhões de fórmias novas de sentir.

Canta, pula, dança, põe em marcha e em volteio todo o seu sangue e seu cerebro. . .

— E Colombina cede. . .

— E Colombina ouve. Ouvir é conquistar confiança sem perigo. Vai ouvindo e fica nisso. O mais, mentira dos pintores e esculptores. Creio que já sabes o dito de Venus sobre Cindo. Pois é o mesmo. Não houve Helleno que desconheça a nudez de Venus—mas ninguem a viu nua. Tudo phrase. Não temas do homem que fala. A força ou audacia têm de escolher logar. Nas mãos ou na lingua. Eu sempre li isto. Arlequim é um contetti. Vôa, sóbe, esvoaça, atordôa e não é que um pouco de papel cortado e sem significação possivel depois da queda. . .

— Dirá o mesmo Colombina ?

— Creio que não. Nunca conheceu cardapios variados. E' mulher d'um só prato e sobremesa. E' a parte espiritual da refeição.

— Zombeteiro.

— Duvido, amigo. Nada disto. Sisplesmente Pierrot natural, logico, absoluto. Fique sabendo que durante o Carnaval, que são os

três dias unicos da vida espontanea dos homens, eu sou a cêra, Colombina a luz. . .

— E Arlequim ? . . .

— Arlequim é a libellula, o besouro, o grillo, o que quizer que tenha asas e pense voar.

— E a Comedia continúa ?

— Natural e eternamente. C'EST LA ETERNELLE CHANSON, disse um qualquer idiota poetador opportuno. O principal é acreditar o homem em um symbolo. Vá dizer a seu amigo christão que a burra do propheta era aphonya. . . Vá e ficará no asylo se negar. . .

— Motejador. . .

— Bem. Já palrei o bastante. Já sabes a verdade. Logo és mentiroso. Não penses dizel-a porque ella é irmã de Protheu — mil fórmias para não denunciar-se. . .

— Pierrot desilludidor.

— Como a vida nos objectos vistos de perto. Creio que conheces o versinho de Bartirina. Pois se o sabes, não analyse os diamantes, porque ficais com um ar infecto e asphixiante em vez da pedra scintiladora e cara. E adeus, meu ingenuo romantico. . .

Afastou a cortina e desapareceu. Fui á sala procural-o. Ninguém. Noite silenciosa. No alto, as joias palpitautes do infinito. Fechei a janella.

Tem razão Marcelline Desbords — Valmore.

MAIS LE MOT CENT FOIS DIT,  
VENANT DE CE QU'ON AIME,  
SEMBLE NOUVEAU

L U I S  
D A  
C A M A R A  
C A S C U D O





Misses Pará, Amazonas e Ceará,  
entre amiguinhas que as foram cumprimentar,  
quando de sua passagem por esta capital

A OBRA que Maurice Rostand escreveu sobre o desventurado filho de Napoleão III e da formosíssima Eugenia de Montijó, despertou em França e na Inglaterra violentas controvérsias, as mais acce-sas polemicas. Por ter o filho do creador de «Cyrano de Bergerac» escripto uma pessissima obra de theatro? De modo algum. Como se sabe, o drama de Maurice Rostand é escripto em primososos e elevados versos. A controversia e toda a ce-leuma levantada á volta do drama que subiu á scena no popular theatro das Portas de Saint-Martin, deve-se a uma affirmação, talvez demasiadamente ousada, do poeta, colhida na aventura dramatica e tragica do infeliz principe, que não ficou nunca bem esclarecida, dizem os historiadores. O principe inditoso de que agora Maurice Rostand evoca a memoria e a figura tragica — teve,



A U R E C Y ,  
do casal Aloisio Caldas

ao que parece, os mãos fados a acompanhá-lo desde o berço. Conta-se que uma vez, na Sorbonne, um grupo de estudantes, capitaneado por um discipulo chamado Cavaignac, se recusou a receber os premios das mãos do principe. Já nesse tempo elle não era muito feliz.

Veio, depois, o desastre irremediavel de Sedan. O principe, homem e soldado já, assistiu, com Napoleão III, á derrota de França, que mezes antes gritava delirantemente, pelas ruas de Paris: «A Berlim! A Berlim!» Seguiu-se a fuga, o exilio na Inglaterra. Napoleão III morreu em Chislehurst, em janeiro de 1873. Napoleão IV », como lhe chama Maurice Rostand, proseguiu os estudos na escola militar de Woolwich, e em 1875, era official de artilharia do Exercito britanico. O drama em que perdeu a vida e serviu para a obra de Maurice Rostand, desenrolou-se tres annos



depois. A Inglaterra organisava uma expedição a Africa, contra as agueridas tribus dos «zulus». O principe para mostrar que era digno dos seus valorosos antepassados, pediu para ser incorporado á expedição. Na Africa guerreou durante dois mezes. . . Um dia soube-se que tinha sido morto, surprehendido pelos «zulus» numa emboscada. Acompanhava-o o capitão Carey e mais

onde morreu crivado pelas flechas e lanças dos selvagens.

O capitão Carey respondeu conselho de guerra e foi absolvido.

Os peritos que viram o sellim que pertenceu ao principe, declaram que a correia parecia ter-se rompido, naturalmente. Desvaneceu-se a suspeita de uma traição e o assumpto passou á historia como um accidente lamentavel e con-

corrente em expedições perigosas como aquella.

O mais curioso é o effeito que a obra de Maurice Rostand produziu. O «Morning Post» chama-lhe «uma obra ignominiosa». O «Daily Chronicle» qualifica-a de erro historico de pessimo gosto. O «Daily News» é mais severo, chama ao poeta um abutre da litteratura que se alimenta com as calum-

nias lançadas sobre os mortos».

Maurice Rostand declara: «Amo a Inglaterra, mas aborreço o imperialismo inglez e todos os imperialismos do mundo», e sobre a morte do principe Luiz Napoleão consultou todos os documentos dignos de credito.

Alguns criticos francezes declararam que se de facto os inglezes estiveram de accordo com



oito soldados, que conseguiram escapar ao massacre. O principe procurou segui-los. Ao cavalgar a montada a corria que prendia o sellim desprendeu-se, rôta ou cortada. «Napoleão IV» caiu ao sólo.

#### MISS AMAZONAS

Senhorita Edna Brazão Ribeiro

#### MISS CEARÁ

Senhorita Maria Nazareth Siqueira

#### MISS PARÁ

Senhorita Elza Bezerra

(Póse para a «Revista da Cidade»)

os «zulus» a democracia franceza só lhes deve gratidão porque se dos quatro Napoleões dois reinaram com lamentaveis, consequencias, o que teria acontecido se todos quatro tivessem occupado o throno?

# O QUE ACONTECEU NA POEIRA DA SEMANA...

## Quem desdenha... quer vender...

Bonita como quem mais o seja, aquella deliciosa criaturinha de olhos negros que nem ao menos foi votada no concurso do «Jornal do Comercio», está agora a divertir-se com o loiro mancebo que tem um papá rico, gosta de passeiar a automovel e deseja ardentemente levar aquelles olhos pretos á presença de um sacerdote que lhe assegure a propriedade delles para o resto da vida. Ella, porem, taz que não «faz conta» e aperreia o pobre do moço apaixonado, como succedeu outro dia, no cinema, arranjando um «flirt» bem nas barbas—projecto, aliás—delle. E' que ella sabe bem o prestigio de quem desdenha de paixão alheia.

sença de sua pessoa encantadora. Por isso, só está á espera de que se resolva, no Rio, alguma cousa que interessa aos dois,—ou, antes, a ella—para formular o pedido official e entrar na posse,—«par droit de conquête—daquelle coraçõzinho de ouro. Por enquanto, porem, elle continúa a dedilhar na lyra os seus poemas, á distancia...

fiava em que ella fosse apaixonada por elle. Não foi isso, entretanto, o que succedeu quando ella soube taes cousas. Tornou-se mansinha e apaixonada. Chegou a dizer que todo rapaz era assim, que o casamento era o remedio... e outras cousas mais. Por isso é que os senhores psychologos gostam de affirmar que a psychologia feminina é mais complicada do que o estylo do sr. Carlos Dias, o Fernandes.

## Cousas do outro sexo...

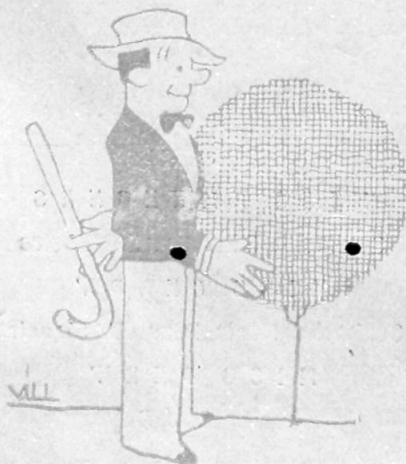
Elle passou um tempo grande sem avistai-o. Nesse interim, soube de cousas deponentes da vida do rapaz. Todas as suas amiguinhas pensaram que ella ia mandal-o passeiar. Ninguem con-

## De tabella...

Elle começou por dirigir galanteios á irmã solteira. Por tabella, como no bilhar. Depois, passou á outra que é mais bonita e tem um marido respeitavel. Aqui, a historia fez-se mais grave e a familia entrou em acção. O rapaz não teve outra sahida que «bancar» o indignado e jurar, firme, que a sua paixão era pela solteira, com quem queria casar. Officializada a historia, elle hoje está arrependido da sua tragica idéa de metter-se a d. Juan e não encontra meios de livrar-se da mocinha que, por sua vez, está satisfeita com o seu futuro marido. Da outra, do que ella pensa, não se sabe. E os mysterios assim são perigosos...

## Poemas... á distancia

O joven, elegante e inspirado poeta está profundamente apaixonado. Profundamente! Para elle, o parai-zo hoje será o lar que aquella linda criatura de olhos claros perfumar com a pre-





# Porque não votei no Concurso...

Mas que cabula!.. Depois de eleita a mais bella, dentre as mais bellas, anda ainda muita gente a me perguntar se votei ou se não votei.

E a querer saber porque sim ou porque não.

Cançado de responder verbalmente valho-me da paciência dos typographos da «Revista da Cidade», para satisfazer, de uma vez por todas, a curiosidade dos perguntadores.

Não votei, ora ahí está. E não votei, apesar da cabala desabalada do amigo Góes Filho, porque comecei engicando com essa historia de MISS. Por faaor, minha Nossa Senhora! Nós não estamos na Inglaterra e embora as candidatas sejam destinadas á feira das bellezas de Galveston não achei ra-

zão em mais uma vez despresarmos a lingua que falamos. Com esta historia de MISS até o MADEMOISELLE está dando cacho. E' que depois do jogo da bola e das fitas americanas subiu o cambio do inglez...

Daqui deveria sahir a senhorinha Peraambuco e do Rio de Janeiro depois da apuração total, a senhorinha Brasil. Lá nos Estados Unidos que a chamassem MISS. Mas nós brasileiros entregamos assim os pontos? Ab, dr. Octavio Mangabeira para que v. exc. conseguiu no Congresso de Havana um pouquinho de prestigio para essa lingua que dizem ser falada no Brasil? Cada vez ella está mais por baixo. Aqui não se

fala nem se escreve portuguez, nem brasileiro. Rabisca-se e gagueja-se uma misturada de seiscientos demonios.

Mas não foi só esta a razão da falta de meu voto. Voto, que, aliás, nada adiantaria porque um voto a mais não daria victoria a ninguém. Se fosse, porem, um concurso de belleza masculina é bem possivel que meu voto independente (conheçam, bichos!) fosse depositado na urna. Um voto? Talvez mais. Talvez até me transformasse em cabo eleitoral de dois candidatos: o Naasson Figueredo e o Mario Mélo. Sim, porque entre a belleza dos dois meu coração balança... (Não escrevo em fran-

cez por não supportar estrangeiradas).

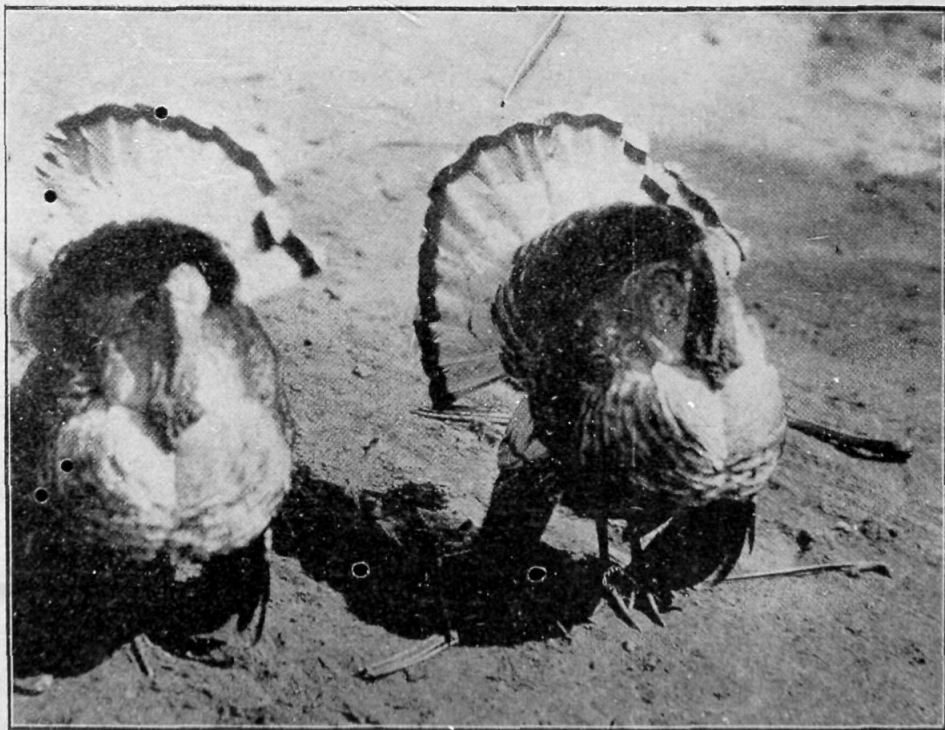
Concurso de belleza feminina? Nesse não caio eu. Não ha mulher bonita que faça boa cara quando se diz haver outra mais bonita. E eu que tenho um espelho grande, e a consciencia de ser feio como um oiti coró, deveria ficar mais feio depois do meu voto. Pelo menos na bocca das que não fossem votadas. Diriam ellas:

— Aquelle diabo feio pode julgar a belleza de ninguém...

E' verdade que o diabo não é tão feio como se pinta, conta um proverbio. Mas, depois do meu voto, eu ficaria mais feio que o diabo pintado.

E basta de feiuras. Fico aguardando o concurso masculino...

S A M U E L C A M P E L L O



(Mario de Oliveira)

## C A S A M E N T O P E L O R U M O



D O L I V R O  
"ALMA TROPICAL"



A QUELLA gente vivia ha muitos annos na palhoça bem á margem do rio Amazonas. Esta nada tinha de anormal. Ao envez de ser collocada bem no alto das barrancas como precaução em vista das cheias do Rio, erguia-se no alto de estacas, num aspecto exquisito de instabilidade como outras tantas barracas da região. Ai vivia o caboclo rude com a familia enorme, um a dessas fantásticas famílias do Amazonas em que a prole se multiplica assustadoramente como se o nativo tivesse ansia de assim multiplicar a sua miséria transmitindo a vida num atropelo, numa pressa louca sem uma tregua, sempre, sempre.

Quantas vezes á passagem do vapor assoma á janella unica da palhoça um amontoado de cabecinhas, já que os innocentes nem têm uma roupa que lhes vele a nudez permittindo-lhes chegar á barraca.

Mais longe, outras creanças mais afortunadas, embarcam céleres nas leves montarias, para aproveitarem as marretas ligeiras com que a passagem da embarcação encrespa a agua calma do Rio. Mas ali apesar da prole numerosa, não havia miséria. Ao lado da palhoça vicejava uma roça, germinada da terra, mãe e madrastra, numa conjunção bizarra. Mãe pela fecundidade espantosa

que recompensa o esforço, madrastra pelas dificuldades quasi insuperáveis para tão poucos braços. E eles viviam alheios ao mundo, e, quem sabe? talvez mesmo felizes.

Um dia, nas minhas habituaes peregrinações pelo labirinto das aguas, fiz meu porto de descanço na pequena casinha. Seu Josino, numa conversa longa foi desfiando um pouco da sua vida e dos seus pensamentos rudes. Ele, ca-

boclo silencioso que assim se expandia num esforço de hospitalidade, tinha no scenario grandioso e na quietude singular do ambiente uma eloquência singela e sóbria.

Ele era dali, sim. Mas correrá mundo, fôra remador de batelão do rio Tocantins, um daquelles que dava o salto da Cachoeira Grande. Conhecia o Purús até ás cabeceiras e trouxera a sua mulher de bem longe.

Como que evocada a sua presença com a menção do seu nome, Zefa foi chegando com a chicara de café tradicional na hospitalidade brasileira. A chicara de louça grossa, que tinha pintada uma grande flor de cores berantes, fôra trazida até ali, provavelmente, pela passagem adventicia do clássico «regatão».

— Pois é isso, moça, continuava o caboclo, aqui no meu canto se vive feliz. Também eu sou temente a Deus e Ele nos abençoa porque casamos pelo rumo.

— Mas o que é casar pelo rumo, seu Josino?

— Vossemecê não sabe? Pois eu conto, moça.

E foi desfiando a historia incrível no seu tosco fraseado de nativo.

A Zetinha vivia na palhoça do pae, muito longe, nas cabeceiras do rio Purús. O caboclo Josino, queria desposala mas não havia sacerdote na região e o velho homem de rigidos principios não a entregaria senão ao seu legitimo esposo. Cruel dilema para a alma simples do caboclo!

— Então, moça, continuou Josino singelamente, eu me lembrei do Padre Leite que Deus tenha na sua santa Glória, e que naquêl tempo casava pelo rumo.

— E quem era o Padre Leite, seu Josino?

— Elle morava no Purús, moça; e estava



A's compras, á missa  
ou ao cinema?



fazendo a Igreja da Lá-brea. Conta a gente que ele ficou muito rico e que lá foi um dia morrer no Ceará.

— E como casava pelo rumo?

— Foi falar com êle dearessinha, moça, p'ra contá meu caso como era. Elle disse então:

«Seu Josino, onde fica a palhoça da sua cunhã?» «Seu Padre — disse eu, de montaria leva nove dias subindo o rio» — Está bem, tornou a falar o Padre, vá p'ra casa do velho e daqui a dez dias na hora do sol a pino, ajoelhe perto da moça que eu caso pelo rumo. E' só me mostrar o lado» Beijei a mão do Padre Leite e lá segui rio a cima pr'a buscar a minha Zefa. E quando che-



**B E E T H O V E N,**  
o surdo genial que teve o 102.º aniversário de  
sua morte transcorrido nesta semana

gou o dia ajustado ajoelhamos junto com o velho e lá de longe o padre nos casou pelo rumo. Depois o velho nos deitou a benção e

embarcando na montaria viemos parar aqui. E' por isso, moça, que o nosso cantinho é abençoado por Deus».

Ouvindo a bizarra nar-

rativa quedei asbtracta pensando na estranha liturgia do velho sacerdote. Casamento pelo rumo... Seria válido tal casamento? Seguramente não era muito teologico. Mas podemos nós julgar as intenções certamente excellentes deste pastor de almas que se via a braços com dificuldades insuperaveis sentindo o seu retanho disseminado ao acaso na margem dos rios, na floresta, no deserto infinito? O seu casamento pelo rumo, talvez fosse a mais santa das inspirações, o consolo e a torça de muitas almas que só podem adorar o Creador no seio da solidão, glorificando-o no milagre sublime da natureza.

M A R I A S A B I N A



Para conforto da alma, a missa do domingo

## M U S I C A

Quinta-feira passada, realizou o seu anunciado recital, a harpista, sra. Esther Jacobson, laureada pelo Instituto Nacional de Musica, e professora do Conservatorio de Bello Horizonte.

A harpa, instrumento antiquissimo, enriqueceu de

mecanismo para ingressar na orchestra, após ao aperfeiçoamento introduzido por Sebastião Erard. Entretanto, queremos crêr que a contingencia de forçar a tensão das cordas, para a obtenção de accidentes, á custa dos pedaes, colloca aquelle ins-

trumento n'uma situação de inferioridade, e arrasta o recitalista e o auditorio a inevitaveis aborrecimentas. E foi o que assistimos com o recital da sra. Esther Jacobson. Partiam-se-lhe as cordas da harpa, amiudamente, em plena execução, impacientando á artista e aos que a ouviam.

O programma apresentado, não agradou á maioria do auditorio.

E ha certa dose de razão nisso: embora seja possivelmente precario, é de crer que no repertorio da harpa, se encontre alguma coisa de menos monotono e archaico, que as musicas seleccionadas pela concertista.

Como compositora, a sra. Esther Jacobson executou dois numeros interessantes, no genero.

Os professores Alberto Figueiredo e Luiz de Oliveira, que prestaram seu concurso ao recital da harpista, portaram-se á altura do seu merito, sendo que o snr. Luiz de Oliveira teve que tocar um numero extra, a pedido do auditorio.



o genero que  
há á cidade o  
eu melhor  
olorido



# Pedras Preciosas

Rapido e claro, corria o Jumma através do valle. As colinas sombrias, cobertas de arvores, arredondavam-se ao seu redor. Govinda, o grande pregador Sikh, sentado na rocha, lia as escripturas, quando Raghunath, seu discipulo, orgulhoso das riquezas que possuia, se inclinou perante elle, dizendolhe :

— Trago-te um humilde obsequio, indigno de ser accete.

E collocou aos pés um par de braceletes de ouro, minuciosamente trabalhados com pedrarias de grande valor.

O mestre tomou um, pô-lo ao redor do dedo, e os diamantes lançaram relampagos de luz.



Pensando nas compras que tem a fazer...

De repente, o bracelete, deslizando da mão rolou ao largo do talude e caiu ao rio.

— Ai de mim! — exclamou Raghunath, saltando á corrente.

O mestre deixou cahir os olhos sobre o seu livro, e a agua, guardando e retendo o que havia roubado, continuou no seu curso.

Acabava o dia; Raghunath regressava ao lado do mestre, molhado até os ossos.

Quasi sem alento, diz-lhe :

— Apesar de tudo, ainda poderia encontrar-o, se me mostrasse o lugar onde cahiu.

Então Govinda, elevando o outro bracelete, atirou-o ao rio, dizendo :

— Está ali...

\*\*\*

Upagupta, discipulo de Budha, dormia no meio do pó, estendido contra os muros da cidade de Mathura. Todas as lampadas estavam apagadas, fechadas as portas, todas as estrellas escondidas no céu nebuloso de agosto.

A quem pertencia aquelles pés cujos braceletes tilintaram na sombra e lhe roçavam no peito?

Desperta, sobresaltado, e a luz de uma lampada de mulher feriu seus olhos, que já havia perdoado.

Era uma dançarina, constellada de joias, envolta em seu manto azul, embriagada pelo vinho da juventude.

Inclinou a sua lampada e ella percebeu o rosto jovem, de uma austera belleza...

— Perdoa-me ó jovem asceta! — diz a mulher — e consente em honrar minha casa com a tua presença. A terra poeirenta não é leito conveniente para ti.

— Mulher! — Segue o teu caminho. Quando os tempos tiverem amadurecido, virei buscar te.

Os ramos das arvores, ás margens dos caminhos, curvaram-se. As notas jubilosas de flauta flutuavam ao longe, confundindo-se com as calidas brisas de primavera.

Os cidadãos publicavam as flores dos bosques.

No alto do céu, a lua, contemplava as sombras da cidade adormecida.

O jovem asceta caminhava pela rua deserta, emquanto sobre a sua cabeça os «Kols» enamorados cantavam as suas queixas, entre os ramos do mangal.

Upagupta franqueou as barreiras da cidade e estendeu-se ao pé da muralha.

Que mulher se agitava na sombra do muro, aos seus pés, o corpo coberto de chagas, transportado a toda a pressa para fóra da cidade?

O asceta, sentando-se ao seu lado, apoiou a cabeça aos seus joelhos, humedeceu-lhe os labios com agua, reconfortou o seu corpo, com um balsamo.

— Quem és tú, ó misericordioso?

— Chegou, emfim, o tempo da minha visita, e aqui estou.

\*\*\*

Sanatan cuidava do rosto, á margem do Gan-

ges. Um Brahmin leproso chegou-se a elle e lhe disse :

— Soccorre-me porque sou pobre.

— Não tenho senão o prato de recolher esmolas, porque foi tudo quanto possuia.

— Siva, nosso deus, appareceu-me em sonho e aconselhou-me que te procurasse.

Sanatan recordou então que havia recolhido antes uma pedra, e que a escondera na areia, pensando vir a ser util a algum.

Com o dedo, indicou o lugar ao Brahmin, que surprehendido, desentrou a pedra.

O Brahmin sentou-se no chão e poz-se a sonhar, solitario até o momento em que o sol desaparece por detras das arvores, á hora em que os pastores conduzem os seus rebanhos á calma do ardil.

Então levantando-se, voltou lentamente para



Uma historia que deve ser muito engraçada...

junto de Sanatan e disse-lhe :

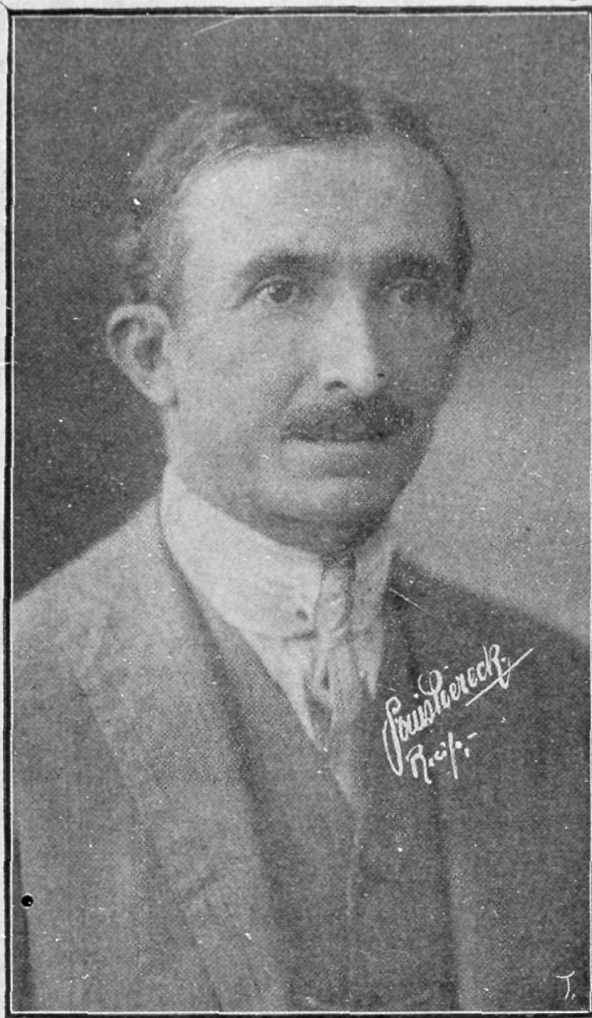
Mestre, ensina-me a conquistar a parte menor daquella riqueza que desdenha todas as demais riquezas do mundo. . .

E, ao dizer estas palavras, atirou ao rio a pedra inapreciavel.

TAGORE

TEEM causado sensação os ultimos momentos de vida do pranteado estadista italiano Giovanni Giolitti, em Calcutta, a 16 de julho passado.

O sr. Giolitti morreu sem soffimento, quando dormia, tendo á cabeceira sua filha Mariuccia e o esposo desta, engenheiro Dino Chia-



Coronel J. Mello Filho, grande capitalista e industrial neste Estado, cujo anniversario natalicio passou nesta semana

raviglio. As irmãs da Ordem de São Vicente, collocaram o Crucifixo nas mãos do moribundo, enquanto o padre Dom Fellipo lhe administrava os ultimos sacramentos.

O sr. Giolitti já havia recebido a benção apostolica em perfeito estado mental, dizendo : «Agora posso morrer feliz por ser catholico.

E' um consolo do coração morrer assim».

Dom Fellipe recitou as orações, encomendando a alma e o sr. Giolitti, com voz debil e os olhos meio fechados respondeu : «Amén, faça-se a vontade de Deus», beijou o Crucifixo e fechou os olhos para nunca mais abri-los.



OS  
BONITOS  
ASPECTOS  
QUE OS  
PHOTOGRAPHOS  
SABEM  
VER





**Um  
conto  
de...  
vigário**

Hoje, na época de se dizer tudo a uma só palavra de expressões, a palavra conto não é mais sinónimo de enfado. Effectivamente, aqui os leitores não vão encontrar períodos extensos de scenarios nem sequitos carnavalescos de personagens.

Lerão, apenas, um conto de vigário... verdadeiro. Parece um paradoxo mas não o é. Querem ver?

— O meu amigo Amauri Damasceno tivera uma paixão romantica por Lais. Não pela Lais lubrica e sensual de Menotti del Picchia. Por outra Lais brasileira de verdade. Morena dos cabellos côr de escuridade apagada, dos olhos de azeitona, das faces de romã, da bocca de pitanga madura... Diabo! não seu apregoador de frutas. Tivera uma paixão romantica, affirmei muito bem. O rapaz era, realmente, romanticamente apaixonado. Queria muito bem á namorada. Muito. Em louvôr dela, fizera os maiores sacrificios. Levava «pão» nos exames de preparatorios, o que foi um sacrificio semi-involuntario. Gazeava muitas aulas do «Ginásio do Recife», que nesse tempo, era localisada á rua do Hospício, para ir esperá-la á saída do «Collegio Prítaneu»... Tinha a pachor-



**As manhãs dos domingos apresentam  
pelas ruas da cidade uma  
alegria de festa com o encantador movimento das criaturas que  
vão aos templos pedir a Deus  
a graça da felicidade**

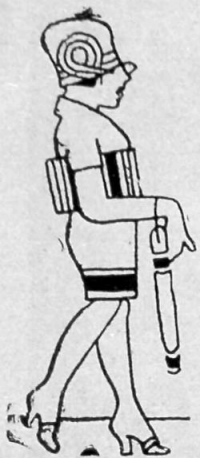


**Prosa  
de  
Mauro  
Motta**

ra de não passar 24 horas sem ver a pequena, a quem levava sempre uma porção de versos que a envaideciam porque lhe glorificavam a belesa. Em 927, contando 20 anos, elle entrou pra «Faculdade de Direito do Recife». Que calouro esplendido! Inteligente, membro de familia importante, frequentando a alta roda, nunca se deixou seduzir por novos affectos, novas emoções. Era o eterno habitué dos Afflitos. Logo que podesse, noivaria officialmente.

Amauri tinha razão. Lais era uma menina ideal de 17 annos, Tallentosa, com o curso brilhante, havia sido a oradora da turma de professoranda de 926. Era bôa, sincera, bonita e incapaz da minima deslealdade. Esperaria por elle sem nunca se cansar. Que delicia se esperar quando se tem amor!... Ah! quantas vezes ella jurara: — Requisite as provas que quizer. Serei sua, Amauri.

Entretanto, ha muitos dias, o meu amigo andava triste, acabrunhado... Poeta emotivo, deixara de ser lirico e sonhador para fazer poesias pessimistas. Publicara uma balada de duvida e desespero na secção literaria do «Jornal Commercio», donde era



cinco anos... Ostentava um vestido de princesa feito artistica e especialmente para o grande dia do pedido... O coronel Fulgencio Castro não tinha ido ao escritorio. O dr. Silvio chegaria, impreterivelmente, ás 4 horas da tarde. Mas a ancia e as horas começaram a cor-

rer paralelamente. 4 horas. 5. 6. 7. Nada. 8. 9. Um «Rugbi» parara no portão. Laís correu ansiosa, com os seios arfando de contentamento. O dr. Silvio não viêra porem enviara pelo chauffeur uma carta naturalmente narrando o imprevisto. Laís lera as letras impressas no



redactor. Obtivera, em suma, a prova lucida, evidente, irretorquível. A propria Laís, que, ultimamente, o recebia tria indifferente, tivera a coragem de lhe ser franca contando tudo... O dr. Silvio Montenegro, medico de clinica florescente, quizera casar com ela desde aquelle dia do consultorio, na rua Nova...

— Voscê compreende minha situação, Amauri. Eu lhe tenho muita amizade mas... voscê não pode cazar agora. E' estudante. O outro está pronto. E' rico, distincto. Receba todas as suas cartas, as suas lembranças... Seja cavalheiro, devolvendo as minhas. O Silvio pretende me pedir no dia 8. Faltam ro dias! Me perdoe. Não tenha odio de mim.

\*\*

Laís amanhecera radiante e ricamente ornamentada desde o penteado de idolo aos pés de chineza. Nem se lembrava mais que o Amauri existia! Como esquecera depressa! Olvidara todos os capitulos daquelle romance de quasi



**Surprehendida pelo photographo, finge que está pensando na vida...**

envelope: — Dr. Silvio Montenegro. Molestia do coração e do systema nervoso... «Voltou alegre e, á luz intensa do «abat-jour» novo da sala de jantar, leu, estupefacta para todos:

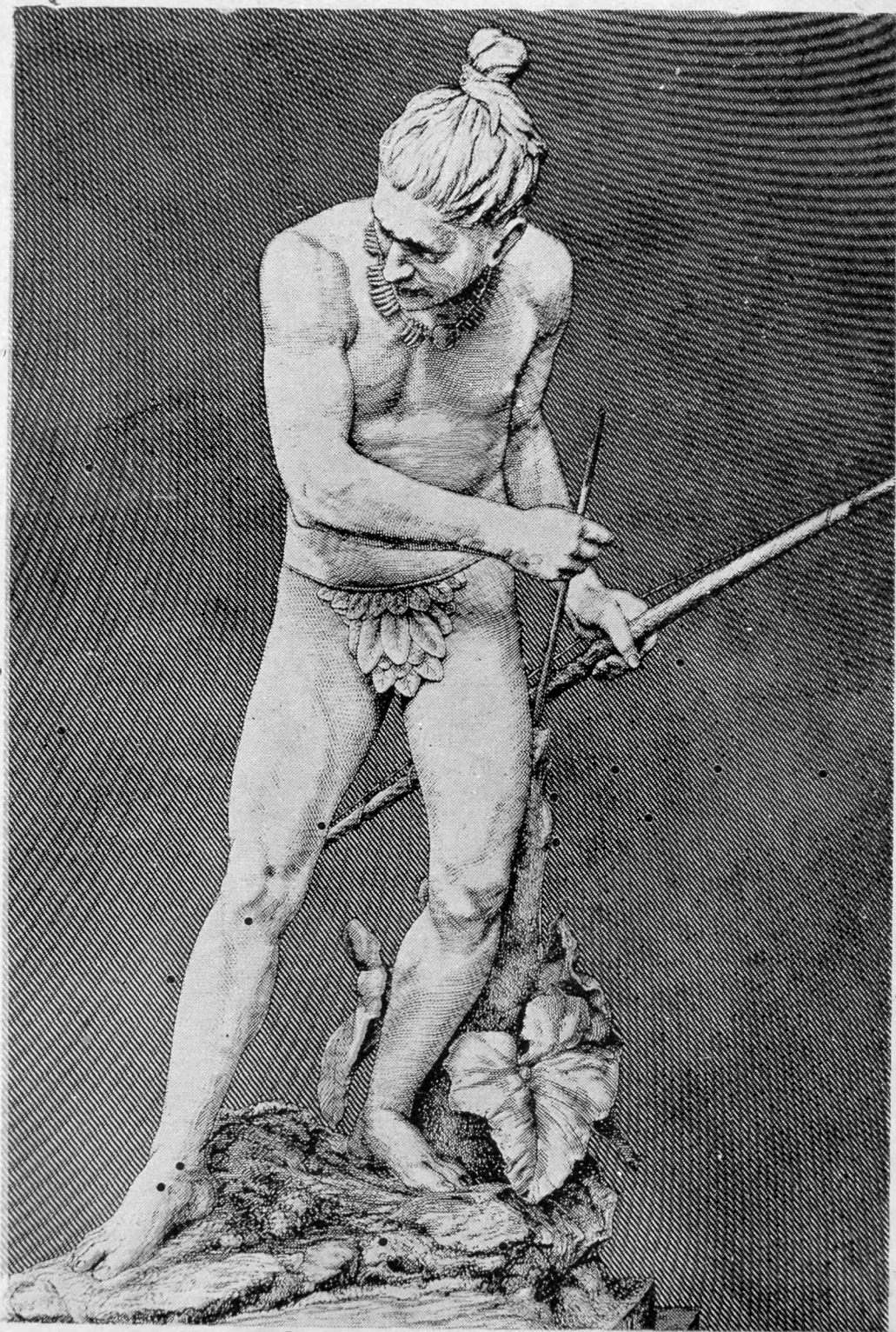
«Laís: — Nunca pretendi enganar-a por mais tempo porque amo outra mulher. Si a procurei para fazer a declaração dum amor, que nunca senti, foi somente para acceder ao desejo do meu grande e querido amigo Amauri Damasceno. Ele, ultimamente, muito bem empregado, queria ser seu vivo brevemente, mas, antes, quiz com a cooperação, que lhe não pude negar, evidenciar a lealdade, que você nunca se esqueceu de proclamar-lhe.

Adeus. Desculpe-me o transtorno que lhe causei e não queira mal ao (a) Silvio Montenegro»

Quando Laís acabou de lêr a carta caiu isterica no canapé, com palpitações cardiacas, chorando convulsivamente:

— Ah! O Silvio! O Silvio! que é especialista em molestias do coração!...





(Rodolpho Bernadelli)

A' E S P R E I T A



# "M I S S F R

Leviana seculo XX,  
perfil de camafeu num corpo-JAZZ-BAND,  
por que ha-de sempre me inquietar essa creatura  
extravagante e mysteriosa ?

MISS FRIVOLITY...

MISS FRIVOLITY enche de enleios a Cidade.  
Faz o FOOTING na Rua Nova da ansia de todos os rapazes...

Ao vê-la, o Sol no Azul estria.  
Já não é rei: é um pagem meigo, muito loiro...

Quando ella passa a Rua se agita,  
pulsa, freme como um desordenado coração...

MISS FRIVOLITY possúe uns olhos de rapaz  
e ha qualquer coisa de bohemia tristeza em seus olhos estranhos.

Quasi sempre, porém,  
ella é uma alegria guizalhante, estilhaçante  
que a Hora accende nos olhos dos rapazes...

Chamo-lhe, as vezes: MISS COISA NENHUMA,  
de tão leve, tão vaga que ella é...

Imponderavel creaturinha magra!  
MISS FRIVOLITY—Sévres fragilimo!  
Inspiração de um ceramista excentrico!  
Tanagra viva! bonequinha original!...

A U S T R O



## I V O L I T Y"

COQUETTE e loira,  
 nos seus cabelos á moda (que o Sol lyrico redoira)  
 cantam segredos de tziganos... e adormecem lendas moiras  
 nos seu olhos de absintho.

(MISS FRIVOLITY de olhos garôtos e exquisitos,  
 quem sabe lá que de fatalidades  
 não guardas tu nesse teu ar futil, á-tôa!...)

MISS FRIVOLITY não vai a Galveston?!  
 De-certo não seria ella a «mais bella»,  
 mas seria—por Deus!—a mais excentrica.

MARIONETTE do guignol de meu Desejo,  
 pelas casas de chá, nos chás das 5, olhae-a:  
 • Pernas á ingleza, fuma ABDULLA e bebe WHISKY.

Se ella tentasse ser MISS BRASIL,  
 certamente teria a consagra-a  
 o Jury da Maledicencia...

MISS FRIVOLITY de olhos perversos,  
 no teu andar de tango e SHIMMY  
 que de theoria e pratica  
 para os rythmos novos de minha Arte!

— Minha BLAGUE — mulher vestida de boneca...  
 MISS FRIVOLITY!



— C O S T A

# UNIDOUCO DE CINELA

**George Bancrot e  
Jetta Goudal  
em um  
drama**

**J**ETTA Goudal é de facto, a figura principal de «A Tragedia de Alcova», o film que a Paramount exhibirá no Royal, no proximo mês. Apesar disso, porem, não se pode occultar o nome de um grande artista que ao lado della aparece, de um astro que, elevado ha pouco ao numero das estrellas masculinas de drama, é já agora um dos idolos das platéas de todo o mundo: George Bancroft.

O grande actor da Para-

mount que tanto exito conquistou em "Paixão e Sangue", tem no grande drama que a marca das estrellas promete para o proximo mês uma participação extraordinaria. Elle é, de certo modo, envolvendo-se na grande intriga, um dos factores principaes, sinão o principal, da tragedia que explode um dia na vida da ex-dansarina do cabaret.

Bancroft e Jetta Goudal, ao lado dos quaes appareceu Kenneth Tomson, fazem de «A Tragedia da Alcova» um drama lindo, um drama forte, um drama impressionante, um drama que certamente

vae merecer do nosso publico uma grande admiração, uma grande sympathia e uma grande consagração.

**Como Gilbert  
Roland  
entrou para o  
cinema**

Elionor Glyn, antes que Gilbert Roland se tornasse o galã da formosa Norma Talmadge, offereceu um papel a esta estrella em um dos seus trabalhos, o que ella recusou por haver quasi que ao mesmo tempo recebido outro identico convite.



**Dois galãs e uma ingenua...**



Como conheceu Gilbert Roland a Elionor Glyn?

Este com a sua fina percepção para descobrir elementos que promettam exito na arte cinematografica tomou sob sua protecção o joven Alonso, (assim na vida real se chama Roland) e ideou um pequeno romance.

A acção consistia em levar o jovem Alonso aos estudios da Metro e deixalo em um automovel, esperando da parte de fora, até que Elionor Glyn chegasse a restaurar, fazel-o sentar em uma mesa proxima á da escriptora, á qual não deixaria de chamar a attenção, o perfil classico do joven Alonso. Sem que este o soubesse o seu protector o fazia levantar os pensativos olhos para o céo toda vez que Mme. Glyn olhava para o seu lado. O estratagema teve exito. Madame Glyn pediu que lh'o apresentasse.

Gilbert Roland combinou para seu nome cinematografico os seus actores favoritos: Jonh Gilbert e Ruth



Scenas do film  
"A Tragedia  
da Alcova" da  
Paramount

Roland. Seu nome verdadeiro é Luiz Antonio Dámaso de Alonso.

Não quer trabalhar sómente em films meridionaes e pensou que, adoptando um nome americano, escaparia a esse destino.

#### Notas dos studios

Em Nice está ainda o productor e celebre director

americano, Rex Ingram, que para a futura temporada apresentará um film em que figuram — Alice Terry, Ivan Petrovitch, Laire Eames e Andrews Engleman.

Vilma Banky está actualmente em Nova Yorck, onde filma para um dos seus proximos film. Alfred Santell é o director e todas as scenas em que a querida e encantadora estrella apparece foram tomadas em praças, ruas e logrodeuros publicos da grande metropole.



Outras  
scenas da  
"Tragedia  
da Alcova",  
da Paramount

## OUR ENGLISH PAGE

## HOLY TRINITY CHURCH.

The annual general meeting was held at the British Consulate at 4.30 p.m. on the 20th. instant, the Rev. le Neve Bower presiding. The necessary quorum of ten subscribers having been obtained with difficulty, the meeting was opened. The various reports for the year were read and approved. Proceeding to elect a committee for 1929, the Chaplin nominated Mr. F. P. Sills as his Warden. The following officers were then chosen:— People's Warden, Mr. J. Berry; Hon. Treasurer, Mr. M. N. Griffith-Williams; Hon. Sec., Mr. E. P. Cotton; also Messrs. E. V. Meikle, T. Whittam and E. F. Elsdon.

Votes of thanks were recorded to Messrs. Price, Waterhouse, Faller & Co. for auditing the ac-

counts and to H. B. M's. Consul for the use of his office, the meeting then terminating.

## ENTERTAINMENT SOCIETY.

We have pleasure to announce that Mr. Gerald C. Sills has kindly consented to act as President of the Society in the place of Mr. C. C. Horton, until the Annual General Meeting, in June next.

Mr. Sills is experienced in the production of amateur theatricals and his guidance will be much appreciated.

We regret to state that the play "Tons of Money" is indefinitely postponed, owing to Mr. Ling, the producer, having to leave unexpectedly for Europe, upon medical advice. We wish him a speedy recovery and quick return.

The Pierrot show being produced by Mr. King, will be presented shortly. The progress is good and there are a number of surprises in store for an unsuspecting public.

## CRICKET.

«ELEVEN» v «TWENTYTWO».— Play commenced at 12.45 p.m. upon a grass wicket, the usual pitch being unfit.

During the two hour's play, the «twentytwo», of whom only 12 turned out, scored 50, Maden taking 7 wks. for 7 and Neate 3 wkt. for nine runs.

After the «eleven» had lost 1 wkt. for 6, rain stopped play and it is safe to say that the match was a «wash-out».

## NICOLE WOODS.

Having been privileged to see the accompanying photograph, we were fortunate in obtaining the same for publication and congratulate Nicole's parents



upon the charms of their little daughter.

Mrs. V. C. Wood is staying at Juan-les-Pins and her husband is looking forward to being with her at an early date.



Nicole as an "Alsacienne" with a "Zouave" ready for "Mi-Careme".

Juan-les-Pins

7 - 3 - 929

